

des.ma.nu.al de mim

AUTORRETRATO 3X4

gianna grey rech



"Do lugar onde estou já fui embora".

Manoel de Barros



## SUMÁRIO

Eu caracol [07]

Eu bruto, eu sensível [08]

O Primeiro grito [15]

Explicar para *desexplicar* [24]

~~Des~~construção [30]

REFERÊNCIAS [35]



## Eu caracol

Sou um turbilhão de acontecimentos internos, uma imensidão de emoções, sou tantas possibilidades, cada dia desperto *pra* uma. A leitura que as pessoas fazem de mim não abrange toda a minha essência, todo o meu ser. O que me faço transparecer é tão pouco perto de tudo o que sou. Deve ser por isso que me identifico tanto com os caracóis<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O CARACOL – Que é um caracol? Um caracol é: / a gente esmar / com os bolsos cheios de barbante, correntes de latão / maçanetas, gramafones / etc. / Um caracol é a gente ser: / por intermédio de amar o escorregadio / e dormir nas pedras. / É / a gente conhecer o chão por intermédio de ter visto uma lesma / na parede / e acompanhá-la um dia inteiro arrastando / na pedra / seu rabinho úmido / e / mijado. / Outra de caracol: / é, dentro de casa, consumir livros cadernos e / ficar parado diante de uma coisa / até sê-la. / Seria: / um homem depois de atravessado por ventos e rios turvos / pousar na areia para chorar seu vazio. / Seria ainda: / compreender o andar liso das minhocas debaixo da terra / e escutar como os grilos / pelas pernas. / Pessoas que conhecem o chão com a boca como processo de se procurarem / essas movem-se de caracóis! / Enfim, o caracol: / tem mãe de água / avô de fogo / e o passarinho nele sujará. / Arrastará uma fera para o seu quarto / usará chapéus de salto alto / e há de ser esterco às suas próprias custas! Manoel de Barros, p. 132.

## **Eu bruto, eu sensível**

Considero-me uma pessoa sem grandes ambições, sem grandes sonhos. O que não quer dizer que não seja sonhadora. Quando criança só queria brincar e estudar. Tinha muito medo de sair da escola. Meu avô não permitiu que minha mãe estudasse além da quarta série primária e ela sempre nos contava da importância dos estudos e da paixão que sentia por não ter tido essa chance. A história dela me marcou tanto que na minha cabeça de criança, sempre que ela brigava comigo, pensava que me tiraria da escola por castigo como meu avô fez com ela. Nunca fui a melhor aluna, mas sempre dei o meu melhor em tudo o que fiz. Na escola, no coral, no vôlei, na aula de dança, porém, só me destacava na pintura, no desenho e na criatividade. Foi assim também durante a adolescência, sempre escrevendo, colorindo, bordando, desenhando.... Quando entrei para o segundo grau, hoje ensino médio, optei por fazer um curso técnico em edificações, pois dentre as opções era o que tinha maior proximidade com o desenho. Depois estagiei em uma construtora e lá me efetivei como funcionária. Quis muito cursar engenharia



civil, pois arquitetura a UNESCO ainda não oferecia, porém, meus pais não tiveram condições de custear as mensalidades. Sendo assim, deixei o sonho da faculdade para mais adiante e comecei um novo curso técnico, dessa vez em informática. Casei-me, tive minha filha Lethícia e por questões financeiras, tranquei meu curso, pois, optamos para que meu esposo finalizasse o curso que ele fazia, uma vez que nossa maior renda dependia disso. Quando percebi havia me afastado dos estudos e me afastado do fazer manual, contudo, mesmo sentindo falta, compreendia que estava em uma fase onde se fazia necessária essa renúncia. Troquei de emprego, fui para outra construtora, dessa vez na área administrativa e lá fiquei por alguns anos. Nesse período matriculei-me num curso de pintura em tela, uma vez por semana, o que me reaproximou de mim novamente, funcionando como uma válvula de escape para os problemas da vida adulta, um momento de fluidez e respiro. Fiz alguns cursos na área administrativa, e, então, pelo meu desempenho, a empresa concordou em bancar os custos de um curso superior para mim. Fiquei super feliz e comecei a estudar Gestão em Recursos Humanos. Na metade do curso fiquei

grávida e tive meu bebê inesperada e prematuramente. Abandonei o trabalho. Abandonei os estudos. Caio nascera com muitas complicações, seu caso era muito grave, passou um grande período na UTI<sup>2</sup> neonatal. Era mais uma fase de renúncias, mas precisava me dedicar inteiramente aos cuidados para com meu filho naquele momento. E foi muito gratificante, hoje ele é um menino saudável e lindo. Por recomendações médicas ele não poderia frequentar a escola até os três anos de idade, por conta da sua baixa imunidade e seu pulmão ainda imaturo. Sabendo disso, tive que me reprogramar, não poderia ficar sem trabalhar por tanto tempo. Foi quando percebi que talvez fosse a hora de eu fazer o que sempre sonhei, “trabalhar com as mãos”, fazer do que me movia o meu trabalho. Mas fazer o quê? Voltar a pintar quadros? Precisava de retorno financeiro urgente. Entre um acontecimento e outro sempre pintava algumas coisas, criava outras, e me surgiu a ideia de trabalhar com caixas. Comprei os primeiros materiais e comecei a trabalhar na mesa da cozinha. O intuito era fotografar e postar na

---

<sup>2</sup> Unidade de Terapia Intensiva

internet para divulgação e assim, receber pedidos. E foi como aconteceu. Da mesa da cozinha passei a produzir em uma outra improvisada sob cavaletes na sala de casa. Tempos depois “construí” um espaço para fabricação das peças cruas (meu cunhado me auxiliava nessa tarefa) e outro para abrigar meu ateliê, ou seja, o trabalho artesanal dera certo, estava feliz, eram dias exaustivos de trabalho, mas sentia uma grande realização, porque havia liberdade de criação, além do fazer manual. Elaborava e desenvolvia as peças com satisfação e confesso certa vaidade quando as entregava aos clientes. Não era um trabalho produzido em série. Era um trabalho de muito estudo e cada peça era única. Já pensava em oferecer no ateliê algumas aulas particulares, propor oficinas e pequenos cursos quando recebi um telefonema. Era uma funcionária da UNESCO oferecendo-me bolsa de estudos integral, que ao mesmo tempo me espantou e gerou muitas curiosidades. Por que alguém ou uma instituição que não te conhece te ligaria para oferecer um curso de graduação totalmente de graça? Como conseguiram meu

contato? Porque eu? Mas enfim, não havia feito a prova do ENEM<sup>3</sup>, que era um dos requisitos para a bolsa. Fiquei com isso em mente, o sonho do curso superior que estava adormecido, havia sido acordado. Preparei-me e no ano seguinte realizei a prova. Escolhi Artes Visuais como primeira opção de curso, e aqui estou finalizando o curso que sempre quis. Nunca compreendi o porquê daquela ligação, mas com certeza, foi primordial para a concretização do meu sonho de finalizar uma graduação. Até o início do curso o que eu entendia por arte era o que o senso comum entende. Ou seja, considerava obra de arte: pinturas, desenhos e esculturas realizadas por artistas geniais, dignos de estarem em museus ou exposições de arte. Já nos primeiros meses fui percebendo a distância entre arte clássica e arte contemporânea, arte e artesanato e não coloquei resistência alguma em desapegar dos conceitos preestabelecidos. Hoje, reconheço a partir das leituras que faço, das trocas em sala de aula, das visitas a exposições de arte, das conversas com amigos artistas,

---

<sup>3</sup> Exame Nacional do Ensino Médio

enfim, do meu caminhar pela arte contemporânea, que o contexto da arte nos permite uma gama infinita de possibilidades, que a arte contemporânea “[...] esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, assim, com a própria vida [...]”. (COCCHIARALE, 2006, p. 16). Lógico que nunca considere arte o trabalho que desenvolvia no ateliê e nem é essa a questão aqui, pois quem fez a escolha pelo curso de Artes Visuais Bacharelado foi a menina de letra bonita, que desenhava, pintava, coloria, bordava, que sentia falta e queria muito viver tudo isso novamente, dessa vez, dentro das poéticas contemporâneas. Quando percebi, havia aos poucos abandonado o trabalho artesanal. Tanto que, são pouquíssimas as pessoas no curso que sabem da minha ligação com o fazer manual, da necessidade do tato, apenas reconhecem que possuo certa facilidade para com as linguagens artísticas manuais.

A ARTE ESTÁ TODA  
DO LADO DE DENTRO.

## O Primeiro Grito

Quando digo que EU NÃO QUERO FALAR SOBRE ISSO, como cito no início da apresentação dessa escrita, refiro-me não somente ao tema escolhido para a pesquisa. Essa frase segue comigo há um bom tempo, praticamente desde o início do curso. Tinha muita dificuldade em conceituar meus trabalhos. Compreendia que a arte era pura e totalmente expressão, não havendo, assim, a necessidade de “explicar” minhas intenções. Queria produzir e produzir para mim, porque eu gostava e me fazia bem. Somente a ação do fazer (criar) me interessava. Ter que falar para as pessoas o que eu produzia (aqui me refiro aos exercícios em salas de aula) me incomodava muito, talvez porque nem eu mesma soubesse. A preocupação com a intenção de um trabalho me bloqueava criativamente. Então, como estratégia de fuga, apeguei-me a um depoimento do artista Alfredo Volpi<sup>4</sup>, que diz assim:

---

<sup>4</sup> (1896-1988) Pintor italo-brasileiro, foi um dos maiores pintores do modernismo brasileiro. Destacou-se com pinturas em cores chapadas, de casarios e bandeirinhas.

[...] a questão é que sempre pintei as minhas pinturas que 'saem', nunca fui atrás de corrente alguma. Os concretistas me convidaram, fui expor com eles... Mas nunca pensei em seguir alguém ou qualquer corrente... Uma vez em 57 ou 58 fomos ver uma casa aqui perto, com o Mário Pedrosa, tinha umas linhas geométricas minhas na fachada, ele achou fantástico, eram do 30 ou 40... Sempre pintei o que senti, a minha pintura aos poucos foi se transformando, começa com a natureza, depois aos poucos vai saindo fora, às vezes, continua, eu nunca penso no que estou fazendo. Penso só no problema da linha, da forma, da cor. Nada mais... Meus quadros têm uma construção, o problema é só da pintura, não representam nada. Isso vem aos poucos, é uma coisa lenta, é um problema, toda vida foi assim. (GIANNOTTI, 2016, p. 99).



Volpi, “fazia desses preceitos uma forma de vida artística<sup>5</sup>”. Pensava, então, que comigo, pudesse acontecer da mesma forma. Utilizei essa fala como escudo por algum tempo. Lia e relia a fim de provar, aos outros e a mim mesma, que eu poderia, sim, produzir sem precisar pensar em nada além da ação de criar. Lembro-me de um trabalho, na disciplina de Teoria e História da Arte IV (Arte Contemporânea), que hoje até acho graça, mas que teve muita importância para meu processo de formação. Vale aqui dizer que iniciei minha graduação no curso de licenciatura em 2014 e no segundo semestre de 2016 fiz a opção pelo bacharelado, tendo reaproveitado muitas disciplinas na transição de um curso para outro, e essa foi uma delas. Portanto, nesse período, via-me simplesmente como uma futura professora de artes e não como uma artista, muito embora já houvesse o interesse pela troca de curso. Bem, a professora nos apresentou uma lista grande de manifestações artísticas contemporâneas e pediu para que escolhêssemos apenas uma, com a qual tivéssemos maior afinidade, para

---

<sup>5</sup> GIANNOTTI, 2016, p. 102.

apresentarmos um projeto de produção artística abrangendo a linguagem escolhida. Escolhi instalação, não por afinidade, mas por curiosidade. Li e pesquisei bastante sobre a mesma, porém, tive muita dificuldade em encontrar um tema para a produção, justamente pelo fato de ter que fundamentar meu pensamento. A dificuldade era maior porque teria que ser algo de fora para dentro, ou de fora para fora mesmo e não de dentro para fora como sempre foi. Teria que pensar um conceito externo e depois elaborar uma produção (pensava que só assim resolveria o impasse). O que para muitos pode parecer simples para mim não era. Precisava que fosse algo que me tocasse, que fosse verdadeiro, que significasse para mim. Durante a pesquisa que fiz sobre essa manifestação contemporânea, curiosa e intrigante naquele momento, me deparei justamente com o que me afligia: o conceito. Na contemporaneidade, a instalação enquanto poética artística tem muita força expressiva e toma forma nas linguagens como a Land Art, Mininal Art e Intervenções Urbanas, não se limitando apenas ao espaço das galerias ou museus, mas também, transformando ambientes em cenários. A base do trabalho em instalação, enquanto

surge no contexto da Arte Conceitual, é que “[...] opera não com objetos ou formas, mas com ideias e conceitos”. (FREIRE, 2006, p. 8). O “espaço (entorno) torna-se parte constituinte da obra” (FREIRE, 2006, p. 44) e utiliza de diversos materiais (assemblage) e suportes para transformar esse espaço e possibilitar a participação do público, mexendo com seus sentidos, instigando-o, fazendo com que deixe de ser um mero apreciador. Sua efemeridade constrói e desconstrói espaços e conceitos dentro da práxis artística que está inserida. Ciente disso pensei em algumas possibilidades, a maioria no âmbito da crítica, da micropolítica, mas nada me envolvia por inteiro. Foi quando tive a ideia de falar simplesmente que eu não queria falar sobre nada, queria apenas produzir, falar do bloqueio criativo que me ocorria sempre que era posta nessa situação. E assim me contentei e fiz o projeto. Era algo verdadeiro, era meu, era de dentro *pra* fora, foi meu primeiro grito. O projeto em instalação consistia em uma sala pequena toda branca, sem janelas, com molduras também na cor branca penduradas nas paredes. No centro da sala, latas de tintas e pincéis lacrados, jornais e revistas com os noticiários atuais rasgados ou

amassados. Chamei de *Deu Branco*. Só mais tarde atentei-me para o fato de que falar que não queria conceituar, eu já estaria, de certa forma, conceituando, não é mesmo? Hoje isso já se dissolveu, entendo que “[...] criar livremente não significa poder fazer tudo e qualquer coisa a qualquer momento, em qualquer circunstância e de qualquer maneira<sup>6</sup>”, a liberdade de produzir está “[...] vinculada a uma intencionalidade presente, embora talvez inconsciente, e a valores a um tempo individuais e sociais<sup>7</sup>”. Escrevo e falo sobre minhas produções não mais para explicá-las e sim para compreendê-las. Ostrower (2014), nos diz que

ser livre significa compreender, no sentido mais lúcido e amplo que a palavra pode ter. Significa um entendimento de si, uma aceitação de si da necessidade da existência em termos limitados. A vivência desse entendimento é a mais plena e profunda interiorização a que o

---

<sup>6</sup> OSTROWER, 2014, p. 165.

<sup>7</sup> Idem.

indivíduo pode chegar. Ser livre é ocupar o seu espaço de vida. (p. 165).

E essa liberdade faz-me perceber a importância de o artista pensar e falar sobre suas produções, uma vez que "as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação". (LARROSA, 2002, p. 21). Assim como Larrosa (2002), acredito que determinamos nossos pensamentos por meio das palavras, "[...] não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos através de uma genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras". (p. 21). Ou seja, a palavra nos possibilita a leitura de nós mesmos e nos aponta caminhos.

Eu queria fazer parte das árvores  
como os pássaros fazem.  
Eu queria fazer parte do orvalho  
como as pedras fazem.  
Eu só não queria significar.  
Porque significar limita a imaginação.  
E com pouca imaginação eu não poderia fazer  
parte de uma árvore  
como os pássaros fazem.  
Então a razão me falou: o homem não pode fazer  
parte do orvalho como as pedras fazem.  
Porque o homem não se transfigura  
senão pelas palavras.  
E era isso mesmo<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Manoel de Barros, p. 465.

ANTES DE  
APRENDER A  
ESCREVER,  
A GENTE  
PRECISA  
APRENDER A  
SE APAIXONAR.

## Explicar para *desexplicar*

Escrever nem uma coisa

Nem outra

A fim de dizer todas

Ou, pelo menos, nenhuma<sup>9</sup>.

Eu sempre fui toda preenchida do gosto pela vida, toda preenchida pelo prazer do manual, até que passei a experimentá-la com outros sabores e vê-la de outras maneiras. Passei a implicar com as contradições, a negar caminhos diferentes o que me impossibilitou, por algum tempo, ampliar meus campos de experiência. Não falo da experiência na perspectiva do experimento, da prática, do método, e sim de uma experiência transformadora, aquela que nos modifica, nos desloca, “nos passa”<sup>10</sup>.

A experiência, portanto, não é intencional, não depende de minhas intenções, de minha vontade, não depende de que eu queira fazer (ou

---

<sup>9</sup> Manoel de Barros, p. 264.

<sup>10</sup> LARROSA, 2002, p. 21.



padecer) uma experiência. A experiência não está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão. (LARROSA, 2011, p. 22).

E para que isso ocorra, precisamos estar atentos, abertos, disponíveis, sensíveis, vulneráveis, expostos. “É na experiência que o homem, por meio de seus sentidos, reconhece o mundo ao seu redor e reconhece a si mesmo”. (HONORATO, 2015, p. 48). Escrevo isso hoje, mas nem sempre tive essa consciência, essa percepção. Meu processo artístico sempre foi tomado por uma névoa, que me impede de ver muito além da palma da minha mão. Não sei se consigo me fazer compreender, tenho a nítida impressão que não, porque eu mesma ainda não compreendo. Sabem aquela brincadeira do cabo de guerra? Onde uma força puxa uma corda para um lado enquanto outra força puxa para outro, ambas competindo entre si? Então, nesse jogo, sou como a corda, disputada por forças opostas. De um lado toda uma vida ligada ao fazer manual, ao desejo do fazer, do criar e de outro um processo de formação em arte que insiste em negar todo esse passado. É como se meu passado não coubesse dentro da arte contemporânea, mas como, se o meu

passado sou eu? Ou não sou mais? No meio desse emaranhado de sentimentos conflitantes resolvo seguir o fluxo e experimentar-me em devires, e percebo que

no devir não há passado, nem futuro, e sequer presente; não há história. Trata-se, antes, no devir, de involuir: Não é nem regredir, nem progredir. Devir é tornar-se cada vez mais sóbrio, cada vez mais simples, tornar-se cada vez mais deserto e, assim, mais povoado. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 24).

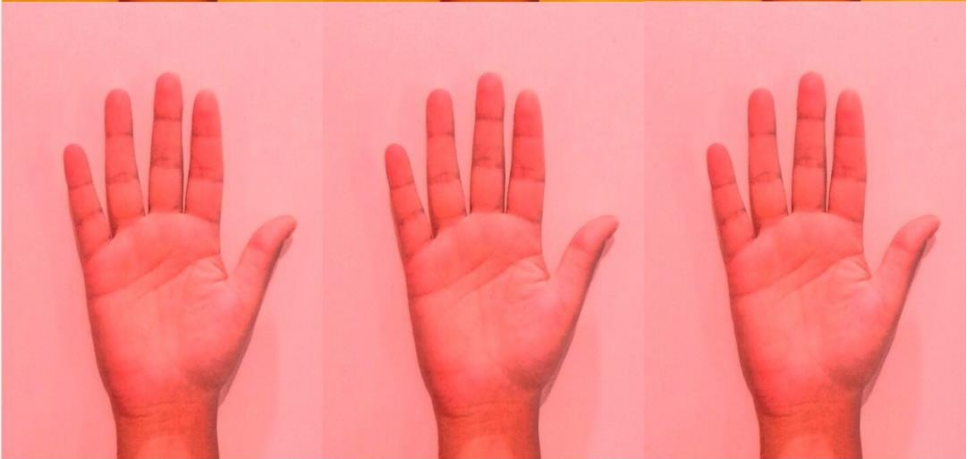
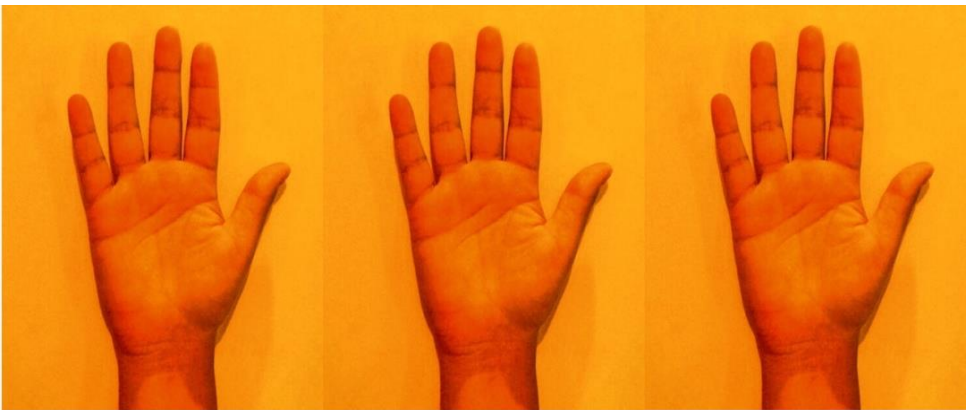
Involuir é voltar-se para dentro de si, é permitir atravessamentos e desdobramentos de si. “Por que a experiência tem a ver, também, com o não saber, com o limite do que já sabemos, com o limite de nosso saber, com a finitude do que sabemos”. (LARROSA, 2011, p. 25). Assim caminho entre o nevoeiro, que não me permite ver o horizonte, mas que a cada passo meu, possibilita-me enxergar o próximo.

ESCREVER, É EXERCÍCIO DE  
SE CONHECER.

AUTORRETRATO 3X4

Fotografia

2017



## **Desconstrução**

Não conseguiria pensar em outra forma de me autorretratar senão pelas minhas próprias mãos. Tudo o que conhecia sobre mim sempre esteve diretamente ligado a elas. *Autorretrato 3x4* é fruto de uma provocação feita durante a edição do projeto Armazém que aconteceu na cidade de Criciúma, na UNESC, no ano de 2017, na qual, meu objetivo foi participar mais como observadora e curiosa do que como artista. Minha intenção era realmente estar no meio de artistas que já produziam e sabiam como conduzir seus processos artísticos, bem como investigar e acompanhar o desdobramento de suas poéticas. Queria observar, saber como acontecia, interagir, pesquisar. O Armazém é um projeto muito interessante que objetiva circular e comercializar trabalhos em arte no formato de múltiplos, onde os participantes, artistas e estudantes de arte são orientados a produzirem dentro desse formato, cada qual com suas poéticas individuais. A proposta foi que produzíssemos cinco trabalhos: livro de artista (livro, livreto, caderno, publicação, zine, etc.), adesivos,

autorretrato, cartaz e cartão-postal, que resultou em uma exposição coletiva juntamente com as produções de mais trezentos artistas que já passaram pelo Armazém, e que compõem o rico acervo do projeto. *Autorretrato 3x4* é um exercício em fotografia, onde fotografei a palma da minha mão direita sobre uma parede branca. Brinquei com a edição no *photoshop*, fiz vários experimentos com cores diferentes e acabei por unir todos eles, brincando com a ideia do múltiplo, não só pela proposta do projeto, mas também pensando que somos muito mais que um, somos tantos, estamos em constante *devir*. Nesse período ansiava por encontrar um caminho artístico potente dentro das linguagens manuais, dessa forma, me foi extremamente desafiador pensar trabalhos fora dessa concepção. Mas o contato direto com o processo de criação de outros artistas, muitos com uma longa trajetória, com trabalhos que eu admiro muito, foi de grande valia. Principalmente no sentido de desconstruir certas visões, certas amarrações que ainda permaneciam comigo, ampliando, assim, consideravelmente meu repertório de possibilidades, bem como abrir portas para a “desconstrução e a reconstrução do eu” (BECKER,

2018, p. 28) através do meu processo criativo. Pensar a mão como algo que me representasse foi fácil e prazeroso, difícil foi perceber que ela se tornara o objeto do meu trabalho, como um objeto de contemplação apenas, muito distante de mim. Dessa forma, reflito muito sobre a minha ação em relação a esse trabalho na medida em que ele foi se constituindo e “questionando minha própria identidade. Onde estaria o que até então entendia como eu e para onde iria esta nova existência que parecia surgir-me [...]”? (BECKER, 2018, p. 41). Ainda não tenho respostas para esses questionamentos. O que eu sei é que o *Autorretrato 3x4* me provocou um grande deslocamento, fazendo-me pensar sobre as possibilidades de desconstrução e reconstrução de um artista, que se dá na sua relação com o outro, no contexto em que está inserido, refletindo, diretamente no seu processo de desenvolvimento criativo e artístico.



Bom é corromper o silêncio das palavras.

Como seja:

1. Uma rã me pedra. (A rã me corrompeu para pedra. Retirou meus limites de ser humano e me ampliou para coisa. A rã se tornou o sujeito pessoal da frase e me largou no chão a criar musgos para tapete de insetos e de frades.)
2. Um passarinho me árvore. (O passarinho me transgrediu para árvore. Deixou-me aos ventos e às chuvas. Ele mesmo me bosteia de dia e me desperta nas manhãs.)
3. Os jardins se borboletam. (Significa que os jardins se esvaziaram de suas sépalas e de suas pétalas? Significa que os jardins se abrem agora só para o buliço das borboletas?)
4. Folhas secas me outonom. (Folhas secas que forram o chão das tardes me transformam pra outono? Eu sou meu outono.)<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Manoel de Barros, p. 358.



## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Manoel de Barros**: Poesia Completa. São Paulo, Leya, 2010. 493 p.

BECKER, Jéssica. O fim d'artista: desconstrução e reconstrução do eu pelo processo criativo. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 10, n. 21, p. 27-52, jul. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/12312/8507>. Acesso em: 01 out. 2019.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006. 77 p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 81 p.

GIANNOTTI, Marco. Recortes sobre a cor. Transformações cromáticas da pintura brasileira: do moderno ao contemporâneo. **APOTHEKE**. Estúdio de Pintura, Santa Catarina, v. 4, n. 2, p. 90-116, dez. 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/9068-28871-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/9068-28871-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 17 out. 2019.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes**: Espaços do Possível. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

LARROSA, Jorge Bondía. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p.4-27, 2011. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>. Acesso em: 01 out. 2019.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. n. 19, jan-abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19a02.pdf>. Acesso em: 08 set. 2019.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 186 p.

Não saio de dentro de mim nem pra pescar<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Manoel de Barros, p. 346.